**RISO: A SUBVERSÃO DE UM CORPO DIANTE DOS CONTROLES IMPOSTOS NO COTIDIANO ESCOLAR**

Leonardo Albuquerque Doutorando do PPGEDU FFP - UERJ

Resumo

Esse texto é orientado com base em noções do campo das pesquisas com os cotidianos que entende a necessidade das experiências ordinárias (CERTEAU, 2014), práticas que possibilitam perceber que os estudantes estão produzindo presença (GUMBRECHT, 2010). O riso é compreendido como dimensão estética, ou seja, *não há comicidade fora do que é propriamente humano* (BERGSON, 1983). Se apresenta como possibilidade para problematizar modos de escapar aos controles disciplinares por *“poéticas que explicitam as redes de sentidos”* (VICTORIO FILHO E BERINO, 2014, p.240) dos estudantes. Por meio da sociologia das ausências (SANTOS, 2006), defendo com o riso a importância da desinvibilização, nos encontros (GARCIA, 2015) no cotidiano escolar e de sala de aula, de práticas que estão acontecendo nesse cotidiano como recriações do possível. O riso é a possibilidade de outras produções de sentido em relação aos controles disciplinares que incidem sobre os corpos no espaço e tempoda escola.

Palavras Chaves: Riso, Corpos, Cotidiano escolar, Controle Disciplinar.

Esse é um texto que fala do riso, de uma especificidade que o riso cômico empresta as relações que se estabelecem no cotidiano da escola e da sala de aula. São as risadas o cartão de visita quando nos deparamos com um grupo de estudantes nos espaços tempo desse cotidiano escola. Apresentar o riso e os corpos que os possibilitam se expressar dessa forma é reconhecer a necessidade ao pesquisar com os cotidianos de problematizar aspectos fugidios das experiências ordinárias (CERTEAU, 2014) dos estudantes. Problematizar o que fazem os estudantes quando estão em grupo rirem tanto é algo que me interessa por demais. Mas antes de qualquer coisa, não venho por meio desse texto produzir uma gêneses qualquer das risadas coletivas. O meu objetivo nessa breve apresentação é apresentar o riso como uma poética que os estudantes usam para explicitarem suas redes de sentidos (VICTORIO FILHO E BERINO, 2014).

O riso produz presença (GUMBRECHT, 2010) por sua ocupação de espaço dentro de um tempo específico. Os estudantes com suas risadas tentam produzir presença, mostrando que estão ali estranhando algo, no cotidiano escolar ou na sala de aula, que destoa para eles, alguma coisa que parece não fazer sentido, ou seja, como eles gostam de expressar, *desnecessário isso aí*. O desnecessário é o indicativo que algo nessa relação e nesse encontro (GARCIA, 2015) tende a ter um caráter muito formal que beira a reprodução mecânica de um comportamento que acaba contradizendo pelo que se fala e pelo que se vive no dia-a-dia do cotidiano escolar.

O riso é a possibilidade de outras produções de sentido em relação aos controles disciplinares que incidem sobre os corpos no espaço e tempoda escola. Pois a risada acaba se apresentando como o indicativo de que algo beira a encenação de baixa qualidade. Desse modo, o riso pode apresentar alguns aspectos de como os estudantes percebem os controles que incidem sobre eles na escola. Das situações que se abatem em seus corpos, comportamentos, falas e vestimentas, ou seja, das cobranças vistas como desnecessárias por não alterarem o objetivo primeiro, os motivos que os levam até a escola. E, diga-se de passagem, esses motivos são os mais variados possíveis e estão sempre sob o guarda-chuva de sentidos que vão de aprender, a ser gente, conseguir um emprego, passar no ENEM, não ficar em casa para não ter que ajudar nas atividades domesticas e etc. Sendo assim, o que no dentro e fora da escola acaba sendo percebido pelos estudantes como algo que beira a encenação? Problematizar o riso no cotidiano da escola é perceber como as imposturas que enrijecem a relação por meio de um excesso de regras de comportamento buscam uniformizar as singularidades(NEGRI, ) dos estudantes no seu dia-a-dia.

É da rigidez ainda que se trata, e que não se coaduna com a flexibilidade interior da vida. O aspecto cerimonioso da vida social deverá, portanto, encerrar certa comicidade latente, a qual só espera uma ocasião para exibir-se plenamente. Poderíamos dizer que as cerimônias são para o corpo social o que a roupa é para o corpo individual: devem a sua seriedade a se identificarem para nós com o objeto sério a que as liga o uso, e perdem essa austeridade no momento em que nossa imaginação as isola dele. Assim, para uma cerimônia tornar-se cômica, basta que nossa atenção se concentre no que ela tem de cerimonioso, e esqueçamos sua matéria, como dizem os filósofos, para só pensar na forma (BERGSON, 1983, p.25).

Gostaria de apresentar de apresentar nesse texto uma cena cômica por meio de uma narrativa. É um contar, que tem em mim seu narrador incorporado de autoficcionalidade (FAEDRICH, 2013). Uma ficção que ao ser narrada não busca uma contraposição dual de falso e verdadeiro, mas ampliar o vivido no espaço tempo presente. Nessa pequena história a apresento uma pequena cena de como os estudantes reagem ao gesto aparentemente mecânico para eles.

Portanto, só começamos a ser imitáveis quando deixamos de ser nós mesmos. Isto é, só se pode imitar dos nossos gestos o que eles têm de mecanicamente uni-forme e, por isso mesmo, de estranho à nossa personalidade viva. Imitar alguém é destacar a parte do automatismo que ele deixou introduzir-se em sua pessoa. É pois, por definição mesmo, torná-lo cômico. Não surpreende, portanto, que a imitação cause riso (BERGSON, 1983, p.20).

Antes de chegar à cena propriamente defendo como cotidianista, o contar de histórias, me aproprio esteticamente do mundo a minha volta pelos meus sentidos. Com o meu corpo me permito ser incorporado pelas contingências que vão acontecendo nas minhas rotinas para problematizar aquilo que trago como narrativa. Me colocando contrário a crítica que detrata o campo do cotidiano como portador de uma falta de rigor científico, como contador de história, problematizo a história que fica de fora. Com isso, aquilo que seria a razão da falta de rigor traz em si o indicativo, que o rigor se dá à custas do que falta para formar uma ideia institucionalizada do que deve ser o rigor. Ter rigor seria imitar uma forma de fazer ciência baseada nas ciências físicas e matemáticas? Acredito que não. O cotidiano tem rigor, um rigor que transita pelas contingências e não numa reprodutibilidade baseado numa lógica dual e binária dada pela inclusão exclusão, na qual um pressupõe a existência ou inexistência do outro, porque esse outro não pode ser enquadrado em um esquema analítico consolidado. Existe um controle sobre tudo. Mas aqui está o problema, uma pesquisa feita sobre essas bases conceituais, para ser considerada ciência em se tratando de uma pesquisa com sujeitos, para reproduzir uma regularidade, vai precisar deixar coisas de fora, e essas coisas são as histórias que são muito caras para mim, por isso o riso é muito importante.

Podemos concluir desde já que nesse sentido sobretudo é que o riso "castiga os costumes". Obriga-nos a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente (BERGSON, 1983, p.13).

Precisamos rir desses costumes, dessas ciências físicas e matemáticas do rigor científico uma ciência cartesiana que vivem em busca de regularidades baseadas nos desdobramentos, escalonamentos e reprodutibilidades controladas de problemas e de objetos de pesquisa. Porque é esse rigor que pagam a vivências do cotidiano e as possibilidades de perceber nessas histórias que vão ficar de fora. Ao deixar de fora as contingências ou considerando-as como aquilo que falta, deixamos a parte outros saberes e outras formas de se relacionarem com situações. As contingências no cotidiano escolar parecem se debater e gritar para chamar a atenção dos pesquisadores, e sem esses encontros seremos privados da companhia dos sujeitos dessa cena que contarei logo a seguir.

Pode parecer estranho ter falado do cotidiano escolar e me referir nessa narrativa a uma cena que aconteceu fora da escola. Pelo contrário, faz todo sentido. Pois ao me referir ao cotidiano da escola estou me referindo aos movimentos que acontecem no dentro e fora da escola por considerar que não existe uma barreira física e nem simbólica que produzam dois espaços estanques. Adaptando um ditado popular, as pessoas saem da escola, mas a escola não sai da pessoa. Desse modo, começo a apresentar a cena que dá origem a esse texto. Em outubro do ano passado em 2023 fui a SP visitar a bienal de arte que aconteceu no Ibirapuera. Cheguei cedo e fiquei sentado na entrada aguardando as portas abrirem para o público. Nesse mesmo espaço outras pessoas também aguardavam a abertura da exposição, dentre esses visitantes, uma escola do município trazia seus estudantes acompanhado dos profissionais da escola para uma visita guiada pelo evento. Nesse momento fui afetado pela presença desses estudantes, na sua maioria meninos e meninas em idade de estudantes do ensino fundamental. O que me chamou a atenção, o cartão de visita deles, foi as sonoras risadas que chamavam a atenção de todos os presentes na porta de entrada. Uma onda sonora que se dirigia para todos os lados onde se encontravam grupos de estudantes que se explodiam em risos. Esses estudantes se reuniam e se dispersavam a sabor de suas brincadeiras, era uma explosão de risos que desencadeava uma onda de choque nos outros grupos de estudantes presentes, riam das pessoas, os outros visitantes, que também aguardavam para entrar na exposição, riam de si mesmos, provocavam as pessoas desconhecidas, falavam em línguas estranhas com os estranhos se fazendo passar por estrangeiros ao ponto de as pessoas ao pararem para tentar entender o que eles falavam, eles os estudantes, morriam de rir sem a menor preocupação. E o extremo oposto a essa comicidade dos estudantes eram os olhares sisudos por parte dos adultos responsáveis por eles estarem ali, poderiam ser professores, coordenadores, não sei precisar qual seria a função daqueles os acompanhavam. Os seus responsáveis tentavam conte-los, faziam altas reprimendas com sonoros pedidos de silêncio e ameaças de não fazerem mais passeios por conta do comportamento deles fora da escola. Mesmo sob reações austeras de seus responsáveis, que se mantinham firmes em chamá-los a atenção, tentando a todo custo de ameaças, o sorriso mesmo com recato, surgia de canto de boca e volta a contagiar os outros colegas que estavam por perto.

Eu me pergunto, mesmo já suspeitando da resposta, por que as crianças e adolescentes quando estão com seus grupos riem tanto? Riem de si mesmos, das pessoas do seu grupo, das outras crianças de fora de seu grupo, e principalmente no caso da entrada da exposição, riem quase que exclusivamente de nós, adultos. O que será que eles veem em nós que desperta essa vontade quase incontrolável de darem boas e sonoras risadas sem se preocuparem de os outros acharem ruim. O que, em nós adultos, deixa transparecer algo de tão estranho e engraçado para esses estudantes? O que eles estranham em nós, em nosso comportamento, no modo como nos postamos diante desse mundo adulto que os aguarda em algum momento de suas vidas após deixarem de ser crianças e adolescente?

Esses outros, nós adultos que somos estranhos as crianças, desempenhamos papeis e enquadramentos sociais que ainda não foram aprendido e mimetizados no todo, mesmo que inconsciente, pelas crianças e adolescentes. O riso deve ser por que nós ao desempenharmos nossos papéis sociais, ao pensarmos estar desempenhando bem aquilo que nos foi corporalmente enquadrado em práticas aceitáveis, fazemos isso de modo que pela percepção deles pareça algo muito engraçado. Talvez, é que sejamos mesmo, ridículos aos olhos das crianças e adolescentes. Eles que ainda, pelo momento que vivem, pela liberdade, mesmo que vigiada e controlada na escola não foram de todo capturados e mantidos dentro de padrões de comportamento que os uniformizem e os subalternizem para desempenharem mais ou menos bem ou mais ou menos mal os papeis sociais que se esperam de uma pessoa na vida adulta.

Talvez seus risos sejam percepções, e também o lamento desesperado, de corpos que não foram totalmente silenciados ao ponto de não deixar de estranharem como vivem os adultos. Pessoas silenciadas, ridículas no papel subalternizado que foram ensinados a viver. Esses adultos não estão só ali na entrada da exposição, estão nas suas casas, na escola, nas ruas, adultos que eles consideram chatos e que a cada dia que passam, eles também são cobrados a se comportarem iguais, modelos que são levados para que eles tenham como exemplo para se formatarem a passos largos e se tornarem amanhã aquilo do que riem hoje.

Talvez essas crianças e adolescente estejam rindo deles mesmos, daquilo que vão se tornar. Por isso, a importância dos cruzamentos de singularidades (HARDT, NEGRI, 2014), uma pratica cotidiana que se apresenta produzindo presença para subverter a lógica dos corpos dóceis no cotidiano escolar. Pois acredito que é nesse espaço tempo presente do cotidiano escolar a ação que é a prática por meio do que é possível. Por meio daquilo, qualquer coisa, que se apresenta como possibilidade de preservação do que ainda são, mas que a cada instante vai se esvaindo pelas tramas de controle dos seus corpos para que se enquadrem e adequem a uma uniformidade ridícula que os adultos insistem ser necessário a vida.

O riso pode ser sentido como um comportamento que faz usos do jocoso como modo de re-existência diante da percepção de um mundo que não faz sentido. De um mundo que vai se impondo a sua corporeidade criança e adolescente. Mas se não faz sentido para eles agora, e se não fez sentido para a gente também em algum momento de nossas vidas, qual o motivo do ato falho que nos faz defender quando falamos com eles na escola da importância desse deslocamento para continuarmos indo todos juntos, sem graça, em direção de uma vida formatada fazendo coisas desnecessárias que parece com um roteiro definido quase que a priori?

Como consolo fica como dica a música dos Titãs composta por Arnaldo Antunes, Não Vou Me Adaptar...

Referências

BERGSON, Henri. O riso: ensaios sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FAEDRICH, Anna. Escritas do eu: o perfil da autoficção. In: MELLO, Ana Maria de Lisboa de (org.). Escritas do eu: introspecção, memória, ficção. Rio de Janeiro:7Letras, 2013.

GARCIA, A. O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas. In: 37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2015, Florianópolis. Anais da 37a Reunião Científica da ANPEd.. Florianópolis: ANPEd/UFSC, 2015. v. 1.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HARDT, Michel. NEGRI, Antônio. Multidão. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: \_\_\_\_\_\_\_ (org.) Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2006.

VICTORIO FILHO, A. BERINO, A. Na vida ordinária das escolas, as grandes proezas: pesquisar entre narrativas e imagens. In: Inês Barbosa de Oliveira; Alexandra Garcia. (Org.). Aventuras do conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. 1ed. Petrópolis, RJ: De Petrus, 2014, v. 1, p. 229-243.